



Eco de Fátima

ANO A. III SÉRIE . Nº 595

DOMINGO DE TODOS OS SANTOS

01 de Novembro de 2020

AS PALAVRAS DA PALAVRA

1. LEITURA DO APOCALIPSE DE SÃO JOÃO (Ap 7, 2-4.9-14)

Eu, João, vi um Anjo que subia do Nascente, trazendo o selo do Deus vivo. Ele clamou em alta voz aos quatro Anjos a quem foi dado o poder de causar dano à terra e ao mar: «Não causeis dano à terra, nem ao mar, nem às árvores, até que tenhamos marcado na fronte os servos do nosso Deus». E ouvi o número dos que foram marcados: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel. Depois disto, vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro, vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão. E clamavam em alta voz: «A salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro!». Todos os Anjos formavam círculo em volta do trono, dos Anciãos e dos quatro Seres Vivos. Prostraram-se diante do trono, de rosto por terra, e adoraram a Deus, dizendo: «Amen! A bênção e a glória, a sabedoria e a acção de graças, a honra, o poder e a força ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amen!». Um dos Anciãos tomou a palavra e disse-me: «Esses que estão vestidos de túnicas brancas, quem são e de onde vieram?». Eu respondi-lhe: «Meu Senhor, vós é que o sabeis». Ele disse-me: «São os que vieram da grande tribulação, os que lavaram as túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro».

Palavra do Senhor.

*«Vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar,
de todas as nações, tribos, povos e línguas»*

Há uma multidão imensa, muito para além do imaginável,
que percorre os caminhos da vida em busca de Deus,
Sua fonte e Sua meta,
mesmo que o não faça de forma explícita...

Há uma multidão imensa, *“que ninguém pode contar”*,
que faz da sua vida uma aproximação de Deus,
ainda que por caminhos muito diversificados...

Há uma multidão imensa de gente que descobriu já o rosto de Deus
e que faz do caminho de Jesus o seu caminho,
na entrega total da sua vida ao Pai e aos irmãos:
são os que se gastaram inteiramente no serviço,
e no dom da própria vida
“branquearam as suas vestes no sangue do Cordeiro”...

O caminho de Jesus é também o teu caminho?

SALMO RESPONSORIAL: Salmo 23 (24), 1-2.3-4ab.5-6

Refrão: Esta é a geração dos que procuram o Senhor.

Do Senhor é a terra e o que nela existe,
o mundo e quantos nele habitam.
Ele a fundou sobre os mares
e a consolidou sobre as águas. *Refrão*

Quem poderá subir à montanha do Senhor?
Quem habitará no seu santuário?
O que tem as mãos inocentes e o coração puro,
o que não invocou o seu nome em vão. *Refrão*

Este será abençoado pelo Senhor
e recompensado por Deus, seu Salvador.
Esta é a geração dos que O procuram,
que procuram a face de Deus. *Refrão*



2. LEITURA DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO JOÃO (1 Jo 3, 1-3)

Caríssimos: Vede que admirável amor o Pai nos consagrou em nos chamar filhos de Deus. E somo-lo de facto. Se o mundo não nos conhece, é porque não O conheceu a Ele. Caríssimos, agora somos filhos de Deus e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Mas sabemos que, na altura em que se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porque O veremos tal como Ele é. Todo aquele que tem n'Ele esta esperança purifica-se a si mesmo, para ser puro, como Ele é puro.

Palavra do Senhor.

«Veremos a Deus tal como Ele é»

O sonho que habita o nosso coração,
um coração que traz consigo a marca de Deus,
e que não descansa enquanto não estiver definitivamente
na presença d'Aquele que o criou para Si,
há-de um dia realizar-se: *"veremos a Deus tal como Ele é"*.

Esta é uma realidade do futuro que ainda mal conseguimos antever.
Mas vivemos da esperança nesse futuro.

Uma esperança enraizada na experiência que fazemos já hoje,
ainda que de forma muito imperfeita,
da filiação divina que o Espírito Santo faz acontecer em nós...

E por mais pobre que seja ainda
essa experiência de que somos filhos de Deus, *"somo-lo de facto"!!!*

***O desejo de ver Deus está profundamente enraizado na tua vida?
De que formas concretas é que ele se manifesta?***

EVANGELHO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO SEGUNDO SÃO MATEUS
(Mt 5, 1-12a)

Naquele tempo, ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte e sentou-Se. Rodearam-n'O os discípulos e Ele começou a ensi-



ná-los, dizendo: «Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados os humildes, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa».

Palavra da salvação.

*«Alegrai-vos e exultai,
porque é grande nos Céus a vossa recompensa»*

Para buscarmos Deus

e pormos o nosso coração onde se encontram as verdadeiras alegrias, talvez seja preciso, primeiro, deixar cair todas as ilusões de felicidade.

E isso passa por um percurso histórico em que, muitas vezes, procuramos a felicidade onde ela não pode ser encontrada.

O cristão é, por definição, aquele que põe a sua alegria no Céu.

O que o move é o desejo de se unir cada vez mais a Deus e experimentar a alegria ímpar e indizível de estar na Sua presença.

A sua convicção mais profunda

é a certeza de que tudo nesta vida só vale a pena se o ajudar a preparar-se para fazer do Céu a sua morada definitiva...

Quando se descobre isto entra-se noutra realidade de abordagem da realidade e criam-se as condições para entender as bem-aventuranças que, de outro modo, nos poderiam parecer um absurdo.

***As bem-aventuranças são já, para ti, uma certeza vivida?
O que falta para te entregares totalmente a este caminho?***



POR ESTES DIAS...

APOIO À ACÇÃO SOCIAL DA CONFERÊNCIA VICENTINA

No 2º Domingo de cada mês os vicentinos costumavam fazer uma recolha de ofertas no final das missas para apoiar a sua acção socio-caritativa.

Como, neste contexto de pandemia em que procuramos evitar ao máximo as movimentações na Igreja, o ofertório das nossas missas passou a ser feito no final de cada celebração, deixou de ser possível proceder a essa recolha de ofertas para evitar confusões.

Resolvemos, por isso, atribuir uma das caixas das escolas aos Vicentinos para este efeito.

É a caixa que está colocada ao fundo da Igreja, ao lado da capela de Nossa Senhora da Piedade.

Em qualquer altura podemos e devemos colocar lá o nosso contributo.

ADORAÇÃO DO SANTÍSSIMO

Na próxima quinta-feira, dia 5, por ser a primeira quinta-feira do mês, teremos o habitual tempo de adoração do Santíssimo.

O Santíssimo será exposto às 18h.

Às 18.50h haverá a Bênção do Santíssimo.

Às 19h, seguir-se-á a celebração da missa.

PRIMEIRO SÁBADO

No próximo sábado, dia 7, vamos fazer a comemoração dos primeiros sábados.

Começamos com a Exposição do Santíssimo às 9.30h.

Às 9.40h teremos a recitação meditada do Terço.

Às 10.20h será a Bênção do Santíssimo.

E às 10.30h, como é habitual, é a vez da celebração da missa.



Nota da Conferência Episcopal Portuguesa a propósito da reprovação do referendo sobre a Eutanásia

A Assembleia da República acaba de reprová-lo a possibilidade de um referendo sobre a despenalização da eutanásia, referendo solicitado por uma petição com cerca de noventa e cinco mil assinaturas. É de lamentar esta decisão que, na prática, aprova a lei que despenaliza a eutanásia, embora o processo legislativo ainda não esteja finalizado.

Como está na Constituição da República Portuguesa, o direito à vida humana é inviolável; conseqüentemente, não é referendável. Mas, como afirmava há dois dias o presidente da CEP, *“o referendo é o último caminho que nos resta para defender algo que julgamos essencial e civilizacional, não é apenas uma questão de Igreja”*. Lamentamos que a maioria dos deputados da Nação não queira auscultar o povo, impossibilitando um debate mais amplo e uma reflexão mais aprofundada sobre tema tão essencial para cada cidadão e para a sociedade no seu todo.

Achamos ainda ter sido o pior momento para se tomar esta decisão, atendendo à gravíssima situação de pandemia que a todos atinge de modo tão dramático e, de modo particular, os mais idosos. Perante os dramas da vida, como o desta pandemia, a resposta não pode ser o que o nosso Parlamento está em vias de dizer: *“Se as coisas estão mal, então ajudamos-te a morrer”*. O que faz falta é dizer e agir na atitude de quem afirma: *“Se o sofrimento se torna tão dramático e insuportável, vamos estar a teu lado e ajudar-te a encontrar razões e meios para viver”*.

Juntamente com as forças da sociedade que lutam pela causa da vida humana, uma questão sempre civilizacional, continuaremos a fomentar a defesa da vida humana, incentivando a encontrar caminhos de proximidade e acompanhamento em cuidados paliativos para os nossos idosos.

Lisboa, 23 de outubro de 2020

Secretariado Geral da CEP



A IGREJA E A HOMOSSEXUALIDADE

O Papa Francisco referiu, em entrevista para um novo documentário, a necessidade de os Estados oferecerem proteção legal para uniões entre pessoas do mesmo sexo.

“O que temos de fazer é uma lei de convivência civil, [as pessoas] têm direito a estar protegidas legalmente”, refere, numa das passagens do filme *‘Francesco’*, que estreia hoje no Festival de Cinema de Roma, do realizador Evgeny Afineevsky.

Em várias intervenções, desde a sua eleição pontifícia em 2013, o Papa tem distinguido estas uniões homossexuais, no plano civil, do sacramento do Matrimónio, reservado na Igreja Católica à união entre um homem e uma mulher.

A entrevista divulgada no documentário sublinha a necessidade de acompanhar as pessoas homossexuais na sua família.

“As pessoas homossexuais têm direito a estar em família, são filhos de Deus, têm direito a uma família. Não se pode expulsar uma pessoa da sua família ou tomar a vida impossível para ela”, indica Francisco.

A mesma posição tinha sido assumida em entrevista ao canal mexicano Televisa, em 2019: *“As pessoas homossexuais têm o direito de estar na família, as pessoas com uma orientação homossexual têm o direito de estar na família e os pais têm o direito de reconhecer aquele filho como homossexual, aquela filha como homossexual. Ninguém pode ser expulso da família ou que a sua a vida se tome impossível por isso”.*

Nessa mesma conversa, o Papa foi questionado sobre a sua oposição ao reconhecimento dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo na Argentina, em 2010, que considerou uma *“incongruência”*.

No livro-entrevista *‘Política e sociedade’* (2017), do sociólogo francês Dominique Wolton, Francisco defendeu que o casamento se limita às relações *“entre um homem e uma mulher”,* pela *“natureza das coisas”* e pela história da humanidade, pelo que as uniões entre pessoas do mesmo sexo deveriam ser chamadas *“uniões civis”*.

Após o Encontro Mundial da Família a que presidiu na Irlanda, em agosto de 2018, o Papa sustentou que *“ignorar o filho ou a*



filha com uma tendência homossexual é uma falta de paternidade e maternidade’.

Durante a apresentação do relatório intermédio do Sínodo extraordinário sobre a Família (2014), que o Papa convocou, no Vaticano, o secretário-especial dessa assembleia, D. Bruno Forte, disse em conferência de imprensa que, de um ponto de vista de “civilização”, não se poderia excluir “a busca de uma codificação de direitos que possam ser garantidos às pessoas que vivem numa união homossexual’.

Já em 2014, numa entrevista ao jornal italiano ‘Corriere della Sera’, o Papa foi questionado sobre as uniões civis, destacando que “o matrimónio é entre um homem e uma mulher”.

“Os Estados laicos querem justificar as uniões civis para regular diversas situações de convivência, movidos pela exigência de regular aspetos económicos entre as pessoas, como, por exemplo, assegurar a assistência sanitária. Trata-se de pactos de convivência de natureza variada, não saberia elencar as diversas formas, mas é preciso ver os casos e avaliá-los na sua variedade”, disse.

Em 2013, poucos meses depois do início do seu pontificado, Francisco abordou o tema numa entrevista à revista jesuíta ‘La Civiltà Cattolica’, recordando que recebeu em Buenos Aires várias cartas de pessoas homossexuais, “feridos sociais” nas quais estas lhe diziam sentir “que a Igreja sempre os condenou”.

A Congregação para a Doutrina da Fé (Santa Sé) publicou em 2003 uma nota com documento “Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais”, no qual se sustentava que “as legislações que favorecem as uniões homossexuais são contrárias à reta razão, porque dão à união entre duas pessoas do mesmo sexo garantias jurídicas análogas às da instituição matrimonial.”

Os jornalistas que acompanhavam Francisco na viagem de regresso a Roma, desde o México, a 17 de fevereiro de 2016, questionaram-nos sobre este documento, tendo o Papa respondido que aos políticos compete enfrentar estes temas com uma consciência “bem formada”, antes de reafirmar, sobre as pessoas do mesmo sexo, o que disse na viagem de regresso do Rio de Janeiro, em 2013: “Se uma

“pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar?”.

O Papa citou o Catecismo da Igreja Católica, indicando que *“não se devem marginalizar estas pessoas; por isso, devem ser integradas na sociedade”.*

Em outubro de 2016, no voo de regresso a Roma, desde o Azerbaijão, Francisco realçou em conferência de imprensa que as suas críticas à ideologia do género não implicam uma rejeição de homossexuais ou transsexuais por parte da Igreja Católica.

“Acompanhei na minha vida de sacerdote, de bispo e até de Papa, pessoas com tendência e também com prática homossexual”, declarou.

“Nunca abandonei ninguém”, insistiu.

Meses antes, na conferência de imprensa no final da viagem à Arménia, reforçou a indicação de que os homossexuais *“não devem ser discriminados, mas devem ser respeitados, acompanhados pastoralmente”.*

A 5 de abril de 2019, secretário de Estado do Vaticano, cardeal Pietro Parolin – um dos mais diretos colaboradores do Papa – recebeu em audiência um grupo de cerca de 50 pessoas empenhadas na luta contra a criminalização da homossexualidade.

In Ecclesia, 21.10.2020

“FRANCESCO”

O novo documentário *‘Francesco’*, que estreou mundialmente esta quarta-feira (21.10.2020) em Roma, mostra um Papa que *“chora com a humanidade”*, retratando o atual pontificado através de várias das viagens internacionais e alertas para a crise socioambiental.

O filme de Evgeny Afineevsky, realizador já nomeado para os Óscares, começa com o Papa a caminhar, à chuva, antes da inédita oração e bênção extraordinária *‘urbi et orbi’* de 27 de março, numa Praça de São Pedro deserta por causa da pandemia.

A obra segue com imagens de ruas vazias, em várias partes do mundo, com mensagens do Papa sobre a necessidade de fazer *“escolhas”*, face às lições da Covid-19, sobre o que é realmente *“importante”*.



A preocupação com as alterações climáticas liga-se às migrações forçadas, com impacto na América Central ou na Síria, destacando o discurso no Congresso norte-americano em 2015, onde o Papa defende que todos podem “*fazer a diferença*”.

Frei Michael Perry, ministro-geral dos Franciscanos, revela durante ao filme que mostrou ao Papa a imagem de um crucifixo semidestruído, cravejado de balas, na Síria, o que provocou forte emoção no pontífice.

“*É um homem que chora com a humanidade, que ri com a humanidade*”, sublinha o religioso, de lágrimas nos olhos.

Afineevsky mostra ainda o testemunho de Nour, refugiada síria, que integra uma das três famílias que o Papa levou a Roma, desde Lesbos, em abril de 2016

“*Nenhuma mãe escolhe este caminho se não acreditar que a água é mais segura do que a terra*”, assinala, antes de declarar que Francisco mudou a vida da sua família, muçulmana.

“*Tocou o meu coração e também me surpreendeu*”, afirma.

O Papa diz que foi um “*pequeno gesto*”, que todos podem fazer, na ajuda a quem mais precisa – numa conferência de imprensa em que se mostra muito comovido, ao regressar ao Vaticano desde a ilha grega, com os desenhos que as crianças refugiadas lhe ofereceram.

A obra mostra ainda sobreviventes de Auschwitz, onde o Papa esteve em julho de 2016, e responsáveis judaicos, com elogios para a sua capacidade de recordar “*as vozes silenciadas da história*”.

O autor do documentário teve acesso alargado ao material audiovisual recolhido pelo Vaticano – incluindo imagens do Papa emérito Bento XVI – e outras entrevistas realizadas a Francisco, com destaque para a conversa entre o Papa e a jornalista mexicana Valentina Alazkari, em 2019, da qual se citam críticas à política da administração de Trump de separar as crianças dos seus pais, na fronteira.

Francisco questiona a “*cultura de defender territórios erguendo muros*”, sendo possível observar o Papa a rezar no Muro das Lamentações, em *Jerusalém*; no muro de separação da Cisjordânia, em Belém; e junto à fronteira EUA-México, num memorial aos migrantes que perderam a vida.

Uma das entrevistadas é a irmã Norma Pimentel, diretora executiva da ‘*Catholic Charities*’ do Vale do Rio Grande (Texas), que descreve a experiência de visitar crianças separadas de seus pais em um centro de detenção.



A religiosa foi considerada pela revista Time como uma das pessoas mais influentes do ano, pelo seu trabalho de acompanhamento e inclusão de migrantes.

O filme evoca ainda a visita às vítimas do tufão Hayan, nas Filipinas, no início de 2015: Francisco viajou até à zona mais atingida pelo desastre natural, apesar do mau tempo no arquipélago e presidiu a uma Missa ao ar livre, junto ao aeroporto de Tacoblan.

“Muitos de vocês perderam tudo. Eu não sei o que dizer, mas Ele [Jesus] sabe”, referiu na sua homilia, numa passagem apresentada no filme.

O cardeal Luis Antonio Tagle, um dos principais colaboradores do Papa, era então arcebispo de Manila e fala das impressões provocadas por esta viagem.

“Penso que Deus o fez experimentar o que aquelas pessoas experimentaram”, refere o presidente da Cáritas Internacional, visivelmente emocionado.

O documentário tem entrevistas com Marcelo Suárez-Orozco, da Academia Pontifícia das Ciências Sociais (Santa Sé), e Daniela Pompei, da Comunidade de Santo Egidio (Roma), responsável pelo acompanhamento de refugiados na Itália, sobre o fenómeno das migrações.

A entrevistada destaca que a viagem do Papa a Lampedusa, em 2013, com a denúncia da *“globalização da indiferença”*, ajudou a dar início a um programa de salvamentos de pessoas, no Mar Mediterrâneo, por parte da Itália, que resgatou 150 mil pessoas.

O arcebispo de Bangui (República Centro-Africana), cardeal Dieudonné Nzapalainga, fala no Mar Mediterrâneo como *“cemitério de seres humanos”* e destaca a coragem do Papa em visitar o seu país, em 2015, num contexto de guerra, admitindo que houve receios segurança de Francisco – que rejeitou um veículo blindado e passou por um bairro muçulmano, discursando ainda na Mesquita central de Bangui.

Na República Centro-Africana, o Papa passou por um campo de refugiados, onde deixou uma mensagem repetida no filme: *“Todos somos irmãos”*.

Refugiados rohingya, por sua vez, sublinham o impacto da visita de Francisco ao Bangladesh e ao Myanmar, em 2017, explicando que as denúncias de *“genocídio”* tiveram um impacto positivo na sua vida, com maior presença de ONG no terreno.

Outros entrevistados deixam elogios à coragem de falar do *“genocídio arménio”* no seu centenário em 2015; no ano seguinte



te, o Papa deslocou-se à Arménia e visitou o memorial dedicado às vítimas do conflito com a Turquia.

Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, evoca a história de emigração da sua própria família, da Itália para a Argentina, que é relatada também pelo seu sobrinho José Ignacio.

O documentário retoma os desmentidos sobre a alegada relação do atual Papa com a ditadura Argentina, sublinhando que o então padre Bergoglio, jesuíta, ajudou muitas pessoas a fugir do regime – com depoimentos de Pérez Esquivel, prémio Nobel, e Estela de Carloto, das Avós da Praça de Maio, que assume ter-se enganado em relação a Francisco.

Afineevski mostra imagens da vida do antigo arcebispo de Buenos Aires, com destaque para as passagens pelos bairros mais pobres e violentos, além da prática de lava-pés a populações desfavorecida – que replicou como Papa, junto de presos e refugiados.

O realizador conversa com dois amigos próximos de Francisco, o rabino Abraham Skorka, de Buenos Aires, e o professor muçulmano, Omar Ahmed Abboud, secretário-geral do Instituto de Diálogo Inter-religioso da República da Argentina, que estiveram com o Papa junto ao Muro das Lamentações.

A obra mostra um Papa que pede “desculpa”, como aconteceu no caso do bispo Barros, durante a visita ao Chile, em 2018, marcada pelos casos de abusos sexuais que envolviam membros do clero.

Francisco admite o “*choque*” que sentiu ao perceber que tinha sido mal informado; Juan Carlos Cruz, uma das vítimas que assumiu as denúncias ao antigo padre Fernando Karadima, na origem do escândalo, diz que a sua vida “*mudou*” ao ser acolhido pelos enviados especiais do Papa, D. Charles Scicluna (outro dos entrevistados) e Mons. Jordi Bertomeu, e ao ser convidado para um encontro com Francisco, que aconteceu no Vaticano.

“Reuni-me com ele umas cinco vezes, sempre em função da sua agenda, tivemos também duas entrevistas diante da câmara”, refere Afineevski, de 48 anos, nascido em Kazán (antiga União Soviética), que cresceu em Israel e emigrou para os EUA.

O realizador diz não querer abordar questões religiosas, mas as ideias do Papa sobre os grandes desafios da atualidade; o filme inclui declarações de Francisco sobre a necessidade de não discriminar os homossexuais.

In Ecclesia, 22.10.2020

